

O homem do cemitério

Augusto Rodrigues

Caminhando pelos corredores da estação de metrô mal iluminada, o botânico paulistano Adalberto olhava com uma mistura de asco e curiosidade para as paredes descascadas cobertas de pixações coloridas, dos dois lados do caminho que levava à luz do dia lá fora. A estação no bairro de Kreuzberg da grande metrópole européia era uma das várias pelas quais ele passava durante suas andanças pela cidade naquele dia, um dia de abril ensolarado, mas bastante fresco, em que o vento que soprava aqui e ali lhe enregelava a ponta do nariz e as orelhas descobertas. Em meio às caminhadas, de vez em quando tomava o metrô para evitar o cansaço ou o enregelamento excessivo do nariz e das orelhas que detestava cobrir.

Quando subiu os degraus em direção à rua e sentiu o calor do sol no rosto, algo *peculiar* lhe chamou a atenção: à sua frente ia um homem muito velho e esguio, vestido estranhamente numa kurtka negra bastante desgastada, andando de forma humilde e carregando no ombro uma pequena trouxa. Nos pés tinha longas botas como Adalberto nunca havia visto em toda a sua vida. Perplexo com aquela visão, e como não tinha mais nada a fazer naquela tarde, Adalberto decidiu seguir o homem esquisito e descobrir aonde ia. Este saiu da estação e foi caminhando pela Avenida Mehringdamm, e de súbito virou à direita na Blücherstraße. Olhava para um lado e para o outro com certa insegurança, como se estivesse perdido. Para onde estaria indo? De súbito, e de um salto, virou para trás e começou a voltar. Adalberto deixou

que passasse por si, depois virou e continuou a segui-lo. Quando o viu de frente, com o canto dos olhos, observou que trazia uma longa barba grisalha e, sobre a kurtka, tinha amarrado um estojo de botânico de séculos atrás. O homem voltou à Mehringdamm, e, quase trombando, por descuido, com um ciclista que vinha pela ciclovia, tomou a calçada que corre ao longo dos velhos cemitérios, atirando olhares curiosos para o comprido muro que os cercam. O sol brilhava e projetava a sombra de Adalberto na calçada, mas, quando observou o homem à frente com mais cuidado, de repente se deu conta de que ele não projetava sombra alguma. Como aquilo era possível? Um homem sem sombra?! Estaria ele sonhando? Os outros poucos passantes ali não pareciam surpreender-se com aquela figura anacronicamente trajada e que não projetava sombra, uma vez que nem sequer olhavam para ele quando passavam. Quando o muro foi interrompido por um alto portão de ferro preto, o velho virou à esquerda e entrou. Adalberto o seguiu. Como podia um homem sem sombra ainda ser visto? Sem sombra ele seria transparente, desprovido de substância – seria algo abstrato!

Aquele era o complexo chamado *Friedhöfe vor dem Halleschen Tor*, cujo significado Adalberto ignorava. Por que diabos ele entrara ali? Para fazer o quê? Para visitar alguma sepultura, é claro. Algum antepassado? Mas como um homem sem sombra poderia ter antepassados? Antepassados também desprovidos de sombra? Ou teria ele perdido a sombra em alguma altura da vida? Mas como alguém poderia perder sua sombra?! E por que uma figura despojada de sombra apareceria para um biólogo paulistano de viagem no velho continente? Perguntas sem respostas! Após entrar, o homem encaminhou-se em direção da alameda número cinco, próxima ao muro, para onde Adalberto o seguiu um pouco mais de longe. O silêncio reinava em torno dos caminhos arborizados, onde todos aqueles anônimos descansavam em sua última morada, como pensava Adalberto consigo, cada vez mais intrigado com aquela figura como que saída dum conto de fadas remoto. Mas o homem sem sombra *era* real, estava ali, diante dos seus olhos a certa distância, e não dava a impressão de se dar conta ou de se incomodar com o fato de estar sendo seguido.

Ele andava, andava, e não encontrava o que procurava. Adalberto seguia, seguia, e não entendia o que procurava, e o que fazia. O ancião perambulava aleatoriamente entre as sepulturas, examinando agitado cada uma das lápides, que variavam de tamanho e imponência de acordo com a estatura social ou a importância histórica do morto. Adalberto não se cansava de segui-lo, e sua curiosidade aumentava a cada instante. O homem estranho parou diante de uma lápide, não muito alta e relativamente distante das outras em volta. Fez uma ligeira reverência com a cabeça e continuou. Adalberto seguiu, parando diante da lápide e lendo o que dizia: “E.T.W. Hoffmann”, datas de nascimento e morte, além de mais uns escritos em alemão que não pôde decifrar.

Quando levantou a cabeça, viu que o homem ia em direção da alameda de número quatro, pegada ao muro, mas a insegurança do seu passo e seu comportamento ainda denunciavam não saber precisamente onde estava. Mais um pouco adiante, quando parecia dominado pela ansiedade, parou mais uma vez, com uma expressão da mais profunda alegria e da mais autêntica comoção, e se ajoelhou diante de uma sepultura. Ela não trazia uma lápide alta, mas certamente apenas uma baixa, de granito ou mármore, como julgava Adalberto do ponto de onde observava o andarilho excêntrico. O homem dava a impressão de estar em lágrimas, mas em lágrimas de comoção alegre e não propriamente de tristeza ou luto.

Além do botânico Adalberto e do senhor humilde sem sombra, não havia mais ninguém em toda a área tranqüila do cemitério naquele instante, e, além do zunido do vento da primavera que já soprava ao longo de todo o dia, não se ouvia nenhum ruído sequer proveniente de parte alguma das redondezas. Nem mesmo o cantarolar dos passarinhos que geralmente sobrevoavam a região podia-se ouvir naquela tarde insólita. O homem se levantou, lentamente, e, andando para trás sem se virar, afastou-se da sepultura, olhando para os dizeres com uma profunda reverência. Ali permaneceu por mais alguns instantes, enquanto secava as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Adalberto era o que agora parecia estar prestes a entregar-se à ansiedade para descobrir quem era de fato que o homem sem sombra havia ido visitar. Quando saiu aquela tarde para caminhar pela sua capital européia favorita



não suspeitava deparar-se com tal coisa! Mas isso era bastante comum, pensava; durante viagens ao exterior, era freqüente nos depararmos com situações inesperadas e até mesmo inusitadas em qualquer esquina. “Inusitado” era mesmo um bom adjetivo com que qualificar aquela eventualidade, que ainda não estava esclarecida.

Adalberto não podia mais conter-se. Como o velho permanecia imóvel diante da sepultura misteriosa e não fazia menção de ir embora, foi indo em frente, pela alameda vizinha, com o intuito de agora observá-lo por trás, pois assim talvez pudesse ver de quem era a cova e talvez ainda ouvir algo que ele talvez pudesse estar falando consigo mesmo ou com seu eternizado misterioso (mesmo que não tivesse notado nenhum movimento de seus lábios de longe). Quando tomou a alameda quatro e, fingindo olhar outras lápides, aproximou-se do homem pelas suas costas, notou que ele agora projetava uma sombra! Impossível! Como poderia ele, somente agora, deixar que o sol lhe projetasse uma sombra? Adalberto assistia atônito àquilo que se dispunha diante dos seus olhos de turista paulistano. Deus do céu! O que era aquilo? O homem, depois de se abaixar e se curvar mais uma vez diante da sepultura, tocando com carinho uma plaquinha preta cravada próxima ao chão de terra, começou a afastar-se, dirigindo-se ao portão por onde tinha entrado. Adalberto sentiu o sangue inflamar-se em suas veias, alterando sua disposição geral. De um salto, e mesmo assim com discrição, foi direto à sepultura e descobriu do que se tratava: era uma lápide de granito marrom inclinada, fronteira por um pequeno arranjo de folhas e rosas, cujo conjunto era cercado por correntes verdes em forma de “x” presas a quatro pequenos postes de mais ou menos um metro de altura, formando um quadrado ao redor desse conjunto, de modo a isolá-lo. Adalberto leu com dificuldade o que dizia a lápide: “ADELBERT von CHAMISSO, GEB. D. 30 JANUAR 1781 GEST. D. 21 AUGUST 1838”. Também: “ANTONIE von CHAMISSO, GEB. PIASTE GEB. D. 30 OCTOBER 1800 GEST. D. 21 MAI 1837”. Sua carência de letras de modo geral não lhe permitiu identificar quem fossem e não havia tempo para ler o que dizia a plaquinha próxima ao chão: o homem aproximava-se do portão e estava indo embora!

Adalberto saiu no encalço do ancião e o alcançou na rua, pouco além da entrada do cemitério, onde não mais projetava sua sombra na calçada. Ele caminhava cabisbaixo, a passos lentos, como que se arrastando pelo chão, enquanto segurava sua trouxa sobre o ombro. Adalberto olhou no relógio para ver que horas eram e, quando levantou a cabeça, o homem sem sombra havia desaparecido.

